

Con. Brasil

11 ABR 1991

O Grande Salto para Trás

RICARDO A. SETTI

Somos, como se sabe, um país de exageros apocalípticos e mania crônica de grandeza. Virtudes, como a prudência, cultuadas em latitudes mais maduras são defeitos gravíssimos para a nossa megalomania subdesenvolvida. A constatação, feita em outras paragens, de que não há nada de errado em andar dando dois passos para a frente e um para trás, ou mesmo dois para trás e apenas um para a frente, quando necessário, soa aqui como capitulação. Somos o país do tudo ou nada, da ânsia infantil pelo absoluto.

Essa herança, no caso do presidente Fernando Collor, somou-se à impetuosidade que trouxe do berço e aprimorou no *dojô* — o tablado de caratê — para levá-lo a prometer a seu eleitorado e ao País a miragem da inflação zero. Quem não se lembra? O jovem presidente eleito, a mil por hora em viagem pelo Exterior, prometeu, no Japão, que iria liquidar a inflação com um *ippon*. Não liquidou, como sabemos.

Agora, ainda que tardia, deve ser aplaudida a mudança de curso imprimida pelo governo à questão do combate à inflação. Curiosamente, ela vem a público no mesmo cenário do Japão: em Nagoya, onde a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, foi participar de reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Foi Zélia — a mesma ministra que, nos primeiros dias do governo, fixou em zero a expectativa de inflação para os meses seguintes — quem proclamou: a idéia de reduzir rapidamente a inflação está afastada. As peculiaridades do processo inflacionário brasileiro requerem paciência e um tratamento específico, diferente do aplicável em outros países. “Os padrões europeus, japoneses e americanos, em termos de inflação, são inexequíveis a curto prazo para uma economia como a brasileira”, disse Zélia.

A ministra fora a essa mesma reunião do BID amargurada pelo veto dos Estados Unidos e outras nações industrializadas a um empréstimo de US\$ 350 milhões do banco ao Brasil, forma de pressionar o País a fechar um acordo com seus credores privados. Um princípio de acordo com



os credores foi obtido, o veto foi levantado, mas está claro que o Brasil só tem diante de si caras feias e cenhos franzidos na grande finança internacional. Além disso, a própria ministra reconhece que, diante dessa nova postura de obtenção de resultados a mais longo prazo contra a inflação, ficará mais difícil o crucialmente importante acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Mesmo tendo chegado, como se vê, misturadas a notícias pouco felizes para os interesses do País, as declarações da ministra são bem-vindas. Elas significam que a linguagem de que a vida é dura e o mundo real não corresponde aos nossos sonhos demorou, mas veio.

Não foi por falta de conselhos de gente experiente que Collor se arriscou, antes mesmo de assumir o cargo, ao papel de milagreiro. O fato, porém, é que o presidente não demorou a ser engolido pela síndrome do tudo ou nada. Ele deveria ter acenado com resultados a médio e longo prazos em sua luta terrível para domar a inflação, transformar o capitalismo cartorial e pegajoso que temos no Brasil numa economia parecida com a de mercado, enxugar o dinossauro estatal, empreender uma reforma fiscal, abrir o Brasil para o mundo. Mas, no curto prazo, era recomendável que só prometesse choro e ranger de dentes, sacrifícios e privações, apertos e carências.

Collor não fez isso e boa parte do preço que está pagando em erosão de prestígio e dificuldades políticas se baseia em expectativas frustradas que ele não apenas permitiu que crescessem, mas diretamente estimulou. As declarações de Zélia significam uma clara alteração de curso no governo. É verdade que não se explicou à sociedade o que estava errado nem na receita anterior, nem no diagnóstico. Mas inegavelmente se praticou uma manobra que faz embalar a claudicante nau pátria no rumo do bom senso.

A China atravessou, entre 1958 e 1960, o que chamou de Grande Salto para a Frente (uma tentativa de acelerar o crescimento econômico mediante maciço emprego de mão-de-obra, sobretudo no campo, tocado a fervor ideológico) — que, por sinal, não deu certo. No Brasil, começamos um Grande Salto para Trás que pode ser benéfico.